



O realizador polaco Jerzy Skolimowski está em Portugal, como membro do júri do LEFFEST

## “No cinema é bom sermos apanhados de surpresa”

O seu nome ocupa um lugar central na história do moderno cinema polaco: Jerzy Skolimowski faz parte do júri da 10.<sup>a</sup> edição do Lisbon & Estoril Film Festival, que termina amanhã, certame que ganhou, em 2015, com o filme *11 Minutos*

POR João Lopes

**J**erzy Skolimowski é, a par de Krzysztof Kieslowski e Roman Polanski, um dos nomes fundamentais da “nova vaga” de autores polacos que passaram pela Escola de Cinema de Lodz (cidade onde nasceu em 1938). Está em Portugal como membro do júri do Lisbon & Estoril Film Festival, certame que o homenageia com uma retrospectiva dos seus filmes — o mais recente, *11 Minutos*, venceu a edição de 2015.

Ele próprio propõe uma esclarecedora minibiografia: “Nasci pouco antes do começo da Segunda Guerra Mundial, vivi a ocupação alemã da Polónia e, depois, as dificuldades do pós-guerra e o período comunista. Na altura, era estudante e, claro, fui influenciado pela propaganda comunista. Só na Escola de Cinema começámos a ter uma visão mais ampla e, por assim dizer, mais inter-

nacional do mundo: comecei a ver filmes a que não teria acesso enquanto espectador normal. Mais tarde, vivi o período do Solidariedade. Passei, assim, por transformações históricas muito fortes que, de uma maneira ou de outra, marcaram os meus pontos de vista.”

Será que a religião, tão significativa na perceção corrente da Polónia, foi importante na sua formação? Skolimowski vê a questão com evidente ironia: “Claro que sou católico romano e, em criança, frequentava a igreja. Mas, na adolescência, comecei a faltar aos meus deveres, preferindo jogar futebol.” E era bom jogador? “Era bastante bom, jogava à baliza. De qualquer modo, nunca joguei futebol a sério num clube. No boxe, sim: ainda travei mais de uma dezena de combates com sucesso moderado.”

### 17 anos de reflexão

As convulsões do Solidariedade levaram-no a fazer um dos seus filmes mais conhecidos, *Moonlighting* (1982), com Jeremy Irons,

parecendo consolidar uma carreira fora da Polónia. Assim aconteceu, mas a caminho de um impasse: depois de *Ferdynand* (1991), insatisfeito com os resultados de uma típica coprodução europeia, Skolimowski parou durante 17 anos — regressou em 2008, com *Quatro Noites com Anna*, um filme produzido por Paulo Branco.

Durante esse interregno, dedicou-se à pintura: “Precisava de repensar a minha atitude em relação ao cinema, senti que tinha traído os meus valores artísticos. Decidi parar sem pensar que seria por 17 anos, talvez uns três ou quatro.” Na procura de alguma culpabilidade estética? “Não, o cinema é como ir para a fábrica às nove da manhã e fazer figura de patrão; a pintura é uma experiência puramente zen e, nessa medida, uma *performance* solitária.”

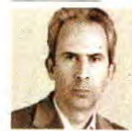
Não admira que Skolimowski tenha uma visão essencialmente prática da técnica e, em particular, dos novos recursos digitais: “Nos meus três filmes mais recentes — *Quatro Noites com Anna*, *Essential*

*Killing* (2010) e *11 Minutos* (2015) — trabalhei com película, no primeiro, e o digital, nos outros dois. Para falar verdade, não notei grande diferença. O digital traz-nos, talvez, um pouco mais de liberdade com a luz, mas o resultado final é praticamente igual.”

Paradoxalmente ou não, Skolimowski não esconde a sua atual condição de espectador relutante: “Honestamente, cada vez vejo menos filmes. É uma questão sobre a qual já falei várias vezes com o meu querido amigo Roman Polanski: quando vamos ao cinema, ao fim de poucos minutos, passámos a sentir que sabemos exatamente o que se vai seguir — não há mistério, quando muito observamos a qualidade da execução.” Foi o próprio Polanski que lhe fez o melhor dos elogios a *11 Minutos*: “Fiquei contente quando ele me disse que, perante o filme, não tinha a mais pequena noção do que ia acontecer a seguir e como tudo iria acabar. É o que mais valorizo no cinema: estarmos alerta e sermos apanhados de surpresa.”

### Opinião

## Em nome do sagrado



JOÃO LOPES  
Crítico

**P**or certo como muitos outros espectadores da minha geração, descobri Jerzy Skolimowski através de *Deep End* (1970), coprodução anglo-germânica sobre um rapaz de 15 anos que arranja trabalho numa piscina pública, apaixonando-se loucamente por uma mulher, dez anos mais velha, que toma conta das instalações. O filme convoca os clichés românticos da “paixão adolescente” (o que, aliás, se refletiu no grosseiro e inadequado título português: *Adolescente Perversa*), mas funciona muito para além deles. Skolimowski consegue filmar a distância paradoxal, dir-se-ia carnal e metafísica, entre o imaginário do desejo e a imaginação trágica que preside à organização (ou desorganização) do dia-a-dia.

Em boa verdade, desde *Deep End* até ao genial *11 Minutos* (2015), Skolimowski é um encenador de fábulas muito cruas sobre a revolta da realidade contra as ilusões que nela, ou a partir dela, construímos. Creio, por isso, que quando ele valoriza o facto de os filmes nos conseguirem “apanhar de surpresa”, não se trata, de modo algum, de enaltecer qualquer ilusionismo simplista das narrativas. A surpresa não provém de outro tipo de clichés (a bomba que rebenta inesperadamente, o monstro que se esconde atrás da porta...), mas sim do modo como a realidade se enrola nas suas próprias aparências, confrontando-nos com a fragilidade dos nossos desejos e os limites do nosso conhecimento.

Será preciso relembrar que tal visão das coisas e dos seres humanos confere a Skolimowski uma radical dimensão de modernidade? Na idade das omnipresenças das mais próprias imagens televisivas, ele lembra-nos de que a realidade não aceita submeter-se a qualquer representação definitiva — habitamo-la como precários figurantes e, se o soubermos merecer, o cinema pode ser a nossa réstia de sagrado.